



Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB  
Instituto de Humanidades e Letras-IHL  
Curso de Letras-Língua Portuguesa

**PELA VOZ DA CRIANÇA:  
TENSÕES E CONTRADIÇÕES SOCIAIS EM ANGOLA E GUINÉ- BISSAU**

MARIA CESALÂNIA PEREIRA DOS SANTOS

2017

Redenção/Ceará

MARIA CESALÂNIA PEREIRA DOS SANTOS

**PELA VOZ DA CRIANÇA:  
TENSÕES E CONTRADIÇÕES SOCIAIS EM ANGOLA E GUINÉ BISSAU**

Artigo apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa, sob orientação da Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro.

2017  
Redenção/ Ceará

MARIA CESALÂNIA PEREIRA DOS SANTOS

**PELA VOZ DA CRIANÇA:  
TENSÕES E CONTRADIÇÕES SOCIAIS EM ANGOLA E GUINÉ BISSAU**

BANCA EXAMINADORA

---

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANDREA CRISTINA MURARO

---

EXAMINADOR: PROF. DR. RODRIGO ORDINE GRAÇA

---

EXAMINADORA: PROFA. DRA. SUELI DA SILVA SARAIVA

Redenção/CE, 07 de dezembro de 2017.

## **Pela voz da criança: tensões e contradições sociais em Angola e Guiné Bissau**

**Through the voice of the child: social tensions and contradictions in Angola and Guinea Bissau**

**RESUMO:** Na maioria das sociedades é sempre o mais-velho a figura representativa da experiência e do respeito; a sua voz é atribuída um valor quase sagrado. Por outro lado, para as crianças também há um diferente papel de representação nessa hierarquia. Assim, a voz da criança, na obra do cabo-verdiano Jorge Araújo e do escritor angolano Ondjaki, chama atenção o modo pelo qual leitores e críticos literários analisam o discurso e a representação da infância. Desse modo, este trabalho tem por objetivo inicial analisar como os narradores, ao lado dos autores, apresentam no contexto da guerra civil nas obras *Comandante Hussi* (2009) e *A bicicleta que tinha bigodes– estórias sem luz elétrica* (2012). Para isso, a metodologia baseia-se na leitura preliminar das obras, observando os pontos de tensão no discurso das vozes infantis ao longo das narrativas, fundamentada na leitura crítica especializada. Assim, espera-se mapear a representação da infância perante os contextos das guerras civis. Em hipótese inicial, revela-se que a voz infantil denuncia as tensões e contradições sociais, diante do que entende como sociedade, considerada adulta e experiente, para o manejo sentimental e político de tais situações, a saber: a carência de bens materiais nos espaços físicos de ambos os países, Angola e Guiné Bissau.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância; Ondjaki; Jorge Araújo; Angola; Guiné-Bissau

**ABSTRACT:** In most societies the oldest is always the representative figure of experience and respect; His voice is given an almost sacred value. On the other hand, children also have a different role of representation in this hierarchy. Thus, the voice of the child, in the Cape Verdean work Jorge Araújo and the literary text of the Angolan writer Ondjaki, calls attention to the way in which readers and literary critics analyze the discourse and the representation of childhood. In this way, this work has as an initial objective to analyze how the narrators, next to the authors, present in the context of the civil war in the works: *Comandante Hussi* (2009) and *A bicicleta que tinha bigodes– estórias sem luz elétrica* (2012). For this, the methodology is based on the preliminary reading of the works, observing the points of tension in the discourse of children's voices throughout the narratives, based on specialized critical reading. Therefore, it is hoped to map the representation of childhood in the context of civil wars. In an initial hypothesis, it is revealed that the infant voice denounces the social tensions and contradictions, in the face of what it considers as an adult society and experienced, for the sentimental and political handling of such situations, namely: the lack of goods materials in both countries, Angola and Guinea Bissau.

**KEY WORDS:** Childhood; Ondjaki; Jorge Araújo; Angola; Guinea-Bissau

## Introdução

Pela literatura é possível criar inúmeras interpretações das realidades, sejam elas com cunho mais biográficos, sejam mais ficcionais. Embora, o texto literário não represente e nem tenha a pretensão de representar a realidade exatamente como ela é, uma vez que o representar está atrelado a questões como: Quais as intenções por trás de quem discursa? De onde se está falando? Quem está falando? E quais as ideologias e crenças de quem está falando? Ou seja, representar ou descrever uma das visões de um determinado acontecimento, dependerá do lugar que o sujeito que narra ocupa na sociedade.

E não é por acaso que a visão de muitos ocidentais sobre o continente africano é distorcida e estereotipada, uma vez que “a historiografia eurocentrada silenciou a história africana, apropriando-se da cronologia, iniciando a contagem da história na África com a chegada dos navegadores europeus” (AUGEL, 2007, p.59). Ou seja - e no que diz respeito ao tema aqui tratado - os portugueses tinham um propósito quando “descobriram” as terras e ao se apropriarem delas usaram e propagaram o discurso da civilização e da salvação para se beneficiar economicamente em países como Angola e Guiné Bissau. Assim, só a partir de então essas terras “descobertas” passaram a existir nos mapas e na percepção dos ocidentais, por via do processo colonial.

Durante o regime colonial português, as literaturas africanas de língua portuguesa tornaram-se um grande instrumento na luta de libertação e continuam sendo um lugar de protesto, representação de ideias e sentimentos, a partir de meados do século XX. Também é através da literatura que, depois das independências, os autores denunciam as injustiças, a miséria, as insatisfações pelas lideranças políticas, e mostram, através da arte os anseios por mudanças, que foram projetadas pelo discurso da geração das lutas de libertação e que ainda não se concretizaram para a maioria da população.

Dessa forma, partindo do pressuposto do contexto acima exposto, este trabalho tem com finalidade analisar como os autores estudados trabalham, através do discurso a representação da infância, no contexto de guerra civil em Angola e Guiné Bissau entre o final da década de 80 e 90. Vale ressaltar que, embora o escritor da obra *Comandante Hussi* (2009) seja de Cabo-Verde, o enredo se passa na Guiné-Bissau, como nos é apresentado na orelha do livro “Hussi realmente existe. Nasceu em Guiné Bissau, de uma

família pobre, e tem três irmãos. O jornalista Jorge Araújo o conheceu (...) quando foi ao país cobrir o golpe de estado que acabara de ocorrer ali ”.

Para esclarecer tal proximidade entre os dois países, é importante lembrar que Guiné Bissau e Cabo Verde sempre tiveram uma ligação muito antes das manifestações de luta pela independência, mas foi nessa ocasião que o elo se estreitou, pois ambos fundaram um único partido para alcançarem a independência. A seguir uma passagem do texto *Cabo Verde e Guiné-Bissau: as relações entre a sociedade civil e estado* (2015) do sociólogo guineense Ricardino Jacinto Dumas Teixeira, ajuda a elucidar o possível estranhamento que cause ao leitor o fato do autor ser de Cabo Verde, mas situar o espaço ficcional em Guiné-Bissau:

A formação da “unidade” entre cabo-verdianos e guineenses, defendida por Amílcar Cabral como primeiro passo para a luta armada comum de libertação nacional, insere-se num contexto mais amplo das independências africanas, marcada pela sublevação contra ingleses na Índia, na Birmânia, na Malásia e no Iraque; contra os franceses no Vietnam e na Argélia, contra a dominação norte na China ( p.179).

Para entender a ideia de unidade e o processo não só do contexto africano é preciso pensar em um panorama geral e amplo, não deixando de pontuar que “havia certos ranços históricos e culturais entre as duas sociedades que pareciam difíceis de superar com a constituição de um bloco político” (2015, p.176). Exemplo disso é o “binacionalismo” proposto por Amílcar Cabral em contraposição a uma das principais consequências negativas do processo colonial, que ele lutava para extinguir, a “bipolaridade” através da “Unidade” em virtude de um único desejo a independência política e tomada de consciência desses povos africanos.

## **1. Do contexto histórico de Angola que antecede o contexto da obra:**

Sendo países africanos de língua oficial portuguesa, Angola e Guiné-Bissau foram colônias de Portugal. Diferentemente do Brasil, para alcançar a independência político-econômica, estes países estiveram em luta armada assim como outros que compõe os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs).

A luta de independência em Angola iniciou-se em 1961, porém, como se compreende não foi da noite para o dia que se organizou tamanho feito. Houve precedentes a essa data e a luta que terminou no dia 11 de novembro de 1975, tendo

como primeira liderança política Agostinho Neto, que faleceu em seguida em 1979. Depois dele, José Eduardo dos Santos assumiu até 2017.

Uma das explicações que levaram Angola a passar por uma nuvem de trovoadas e sonhos jogados ao relento no pós-independência foi o fato de que, ao contrário do que acontecia em outras colônias africanas em que só havia um único movimento nacionalista, ao longo da luta de libertação, como na Guiné Bissau, em Angola a situação era mais complexa, pois existia mais de um movimento político, que além de lutarem contra Portugal para alcançarem a independência, mediam forças entre si.

O interromper do conflito entre as “forças portuguesas e as três principais forças nacionalistas angolanas foi acordado por etapas. A UNITA assinou primeiro, em julho de 1974, seguindo-se o MPLA, e depois a FNLA, em outubro de 1974.” (WHEELER; PÉLISSIER, 2013, p. 358.). No entanto, percebe-se pelas datas: outubro de 1974, última assinatura do cessar-fogo para 11 de novembro de 1975, data da comemoração da independência que mesmo depois dos acordos de paz, ainda sucederam negociações entre os movimentos, em relação ao futuro administrativo da nação angolana.

Dos encaminhamentos, um acordo foi fechado no sul de Portugal em 15 de janeiro de 1975, depois de grandes agitações e decisões em Portugal ano interior, com os partidos nacionalistas, com o intuito de resolver o impasse político de Angola. Conforme notam autores, como o pesquisador Wheeler (p.359, 2013), “no acordo de Alvor, o alto-comissário português permaneceria dotado de plenos poderes em Angola até a independência”. Essa decisão tinha como principal meta unir as forças dos principais movimentos, isto é, estabelecer um exército angolano unificado para organizar e estabelecer a economia e a administração em geral. Talvez essa tenha sido a primeira experiência de bem-estar e de esperança, embora na prática tenha sido marcada por controvérsias e acordos paralelos em vários âmbitos.

Exemplo disso, com nos diz a História e a própria Literatura, essa meta não foi alcançada, uma vez que mesmo durante o período do Acordo do Alvor e às vésperas da Independência, o conflito armado entre o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) continuava. Entre outras palavras, uma degustação amarga do que viria pela frente.

Um dos motivos, talvez, deva-se ao fato de que Portugal estivesse incapacitado de forças militares para manter a paz, uma vez que logo depois da Revolução dos Cravos, em Lisboa em 25 de abril de 1974, muitos portugueses e estrangeiros que viviam na então colônia regressaram a Portugal. Consequentemente, tanto nas forças armadas como em

outras áreas não havia administradores e técnicos suficientes para manter a logística em Angola. Dessa forma, foi impossível manter a calma e evitar os confrontos ao longo do governo transitório, uma vez que rumores sobre o que aconteceria aos estrangeiros que ficassem em Angola, provocavam pânico, especialmente na população branca de origem portuguesa. Assim,

aquilo que aconteceu no dia da independência de Angola, a 11 de Novembro de 1975, foi algo sem precedentes na história da África contemporânea. A potência colonial entregou o poder, não só a um governo ou partido específico, mas sim ao “povo de Angola”. À medida que os planos e esperanças de uma transição pacífica da autoridade colonial para a independência se foram gorando, o derradeiro gesto oficial do último representante da potência colonial demissionária foi verdadeiramente extraordinário. Quando a guerra civil estava prestes a entrar numa fase nova e desesperança, aconteceu algo nunca visto: o alto comissário e as guarnições militares portuguesas embarcaram em vários navios com destino a Portugal. Portugal recusou-se a entregar o poder a qualquer dos movimentos africanos em conflito, oferecendo, em vez disso, a liberdade ao “povo de Angola”. Seguiu-se uma guerra civil internalizada. (WHEELER, p.361)

Deste modo, como já se esperava, para decepção da população que esperava paz, um pouco depois da proclamação da independência iniciou-se a Guerra Civil Angolana entre os três movimentos que outrora lutaram para alcançarem a independência, entre eles a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Após o conflito para independência, estes grupos políticos entram em guerra, aliás eles sempre foram divergentes, apesar de lutarem por uma mesma causa. Mesmo antes não era uma luta entre angolanos e portugueses, era uma guerra que envolvia questões étnicas, políticas e econômicas, atreladas ao próprio contexto mundial da Guerra Fria. Assim, o país ficou com duas superpotências apoiando cada uma das partes em confronto, o resultado foi uma nação, que ainda estava se construindo, sendo devastada.

A primeira fase dessa guerra civil entre 1975 a 1991 teve o MPLA provisoriamente vitorioso, no entanto, ocasionou milhares de mortos e feridos, os sobreviventes ficaram desabrigados com a destruições de aldeias, cidades e infraestruturas como estradas rodoviárias e ferroviárias, pontes, abastecimento de água e luz elétrica, considerando que estas já se encontravam em situação precária anteriormente à guerra civil. Uma parte considerável da população rural, principalmente, de algumas regiões do Leste, fugiu para as cidades ou para outras regiões, inclusive países vizinhos.

A segunda fase da guerra civil iniciou depois de quase um ano de relativa paz. Depois da eleição em 29 e 30 de setembro de 1992 com MPLA vitorioso nas urnas, sendo que “Eduardo dos Santos [MPLA], obteve 49,6 por cento dos votos e Jonas Savimbi 40,1 [UNITA]” (WHEELER, p.367). E mesmo sob a supervisão da Organização das Nações Unidas (ONU) não foram suficientes para evitar uma retomada dos conflitos entre os partidos, uma vez que a UNITA alegou que houve fraude nos dados eleitorais. Nessa época, a FNLA não tinha mais a força de outrora.

Essa segunda fase durou 10 anos com algumas lacunas de calmaria e tentativas de paz. No início de 2002, com FNLA fora de jogo. Assim, com a morte do comandante Jonas Savimbi, os membros UNITA fragmentaram-se sem seu líder. Angola anuncia o fim dos conflitos restando mais uma vez para o MPLA, o desafio de erguer uma nação assolada, depois de uma geração inteira viver em meios a perdas.

## **2. Da representação da infância em *A bicicleta que tinha bigodes* (2012)**

Considerando o contexto de guerra civil angolana descrito anteriormente, a narrativa do escritor angolano Ondjaki, *A bicicleta que tinha bigodes- estórias sem luz elétrica* (2012) se enquadra ao fim da primeira fase da guerra civil. O enredo mostra crianças que tentam levar a vida normalmente em Luanda, assombrada com a violência e o transtorno que a guerra traz, no entanto, o autor descreve os pontos de aflições de uma maneira irônica, tornando a narrativa bastante humorística, sem deixar de ser uma crítica reflexiva.

A obra em 86 páginas inicia com o escritor tio Rui e suas obras publicadas, que na verdade, como o próprio Ondjaki diz na orelha do livro, seria uma homenagem ao escritor angolano Manuel. “ Na minha rua vive o tio Rui, que inventa estórias e poemas que até chegam a outros países muitos internacionais[...] dizem que essas estórias já foram transformadas em peças de teatro num país com um nome comprido, parece que se diz “julgoeslândia.” (ONDJAKI, 2012, p.9).

Durante toda a narrativa não encontramos o nome da personagem principal, contudo sabemos que se trata de um menino aproximadamente com uns 10 anos de idade. Visivelmente, o menino-narrador e alguns personagens são os mesmos de outras obras do autor como *Os da minha rua* (2007), *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2009), bem como em *Uma Escuridão Bonita* (2015). Provavelmente, a estratégia de não nomear o narrador é um artifício para que o leitor, independente de quem seja e de qual lugar na

sociedade ocupe, sinta-se em pertença e se identifique mais com as peripécias das crianças.

Nas obras citadas acima além do narrador-personagem e algumas personagens transitarem entre os livros, o espaço e o tempo são os mesmos: a infância e os acontecimentos que cercam o menino, ocasionando no cotidiano uma intensidade própria como se pode verificar em três exemplos, a seguir, de como o narrador- personagem se apresenta:

1. Em *Os da minha rua* (2007):

[...] e a avó Agnette continuava a partilhar as noites comigo, contando, inventando, alterando as estórias todas, as de antigamente, as do presente e as outras, como se o tempo fosse o saco de ar com bolinhas que ela gostava de rebentar, (...) ( p.143)

2. Em *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2009):

Foi na PraiaDoBispo, a partir daquela noite, que a AvóAgnette passou a ser AvóDezanove. ( p.71)

3. E em *Uma Escuridão Bonita* (2015):

Um dia apareceu em casa da minha avó um soviético que gostava muito dela. Trazia flores e muitas garrafas de vinho. [...] A minha avó Dezanove mudou de ideias, disse ao soviético que não ia para o «tão longe» com ele. O soviético ficou muito chateado, veio à casa da minha avó, partiu todas as garrafas que lhe tinha oferecido. [...] A última garrafa escapou-lhe da mão e partiu-se no pé da minha avó, cortou-lhe o dedo. (p. 54-55)

Aos mais-velhos, principalmente nas sociedades africanas é atribuído um enorme respeito pelas suas sabedorias e ensinamentos. No entanto, nessa hierarquização as crianças tem um papel de representação diferente dos idosos, enquanto no mais-velho “ já viveram quadros de referências familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem. ” (BOSI, 1994, p.60); enquanto que na infância, ou na representação das personagens crianças, a experiência é em estado bruto e intenso, que no caso da obra em análise revela-se muito mais pelas relações da trama e seu contexto histórico.

Deste modo, na obra *A bicicleta que tinha bigodes- estórias sem luz elétrica* (2015), assim como em outras obras desse autor angolano, a criança apresenta-se como foco principal. É através das suas narrativas que vivenciam-se peripécias e a aventura da vida infantil. Vale lembrar que por mais que o personagem seja uma criança quem lhe deu voz, foi um adulto (autor). Diante do olhar adulto, a infância chega a parecer distante e quase inventada. Memória e invenção podem ser confundidas nas interpretações, pois não há mais limites entre o terreno de uma e de outra. Desta forma, a narrativa que Ondjaki escreve parece, para o leitor, a de uma criança, no mundo real, que apenas está contando uma das suas aventuras, sendo essa, em hipótese, a técnica de construção do texto. Desta maneira, os relatos personificam a experiência infantil; se feita uma leitura da superfície, a imagem de inocência e de uma infância feliz, mesmo no espaço cercado pela guerra civil, acaba sendo preponderante.

Logo nas primeiras páginas, apresenta-se a situação material em que vive o menino: “era um concurso nacional com primeiro prémio uma bicicleta colorida que já apareceu na televisão, mas nesse dia na nossa rua não havia luz” (ONDJAKI, 2012, p.10). Nessa citação, há dois assuntos relevantes para toda análise: primeiro, a representação da bicicleta como objeto de desejo da infância; e segundo, a falta de luz elétrica, pois durante toda a narrativa aparece essa necessidade e outras como a falta de água, a falta de alimentos, que por conta da guerra civil e a falta de investimentos governamentais a população não as tem. Embora esse narrador-personagem tenha televisão, o que indica uma classe diferenciada, também é afetado pela falta de estrutura.

Assim sendo, notam-se as tensões e contradições existentes na narrativa - no que diz respeito aos bens materiais em Angola, ao longo da guerra civil. O contexto mais acirrado da Guerra Fria, e o posicionamento aliado ao bloco soviético de então, deixam a ver as formas de tratamento e os problemas estruturais, quando a menina Isaura pergunta,

- **Camarada** Mudo – a Isaura começou-, assim foi avaria só de quinze minutos ou é coisa séria?
- pelo modo como a luz foi, assim sem tremer nem nada, acho que foi mesmo corte internacional.
- “Corte **internacional**” é como então? - Eu perguntei.
- É quando Edel corta a luz porque quer. (ONDJAKI, 2012, p.18, grifo meu)

É possível constatar na citação anterior que a conversa diz respeito a mais uma falta de luz pela Empresa de Distribuição de Energia Elétrica em Angola (Edel), naquele dia. Quando o adulto diz que a empresa corta a luz por vontade é porque a falta de luz não correspondia só a bombardeios, nas províncias próximas, algo mais impede de continuar a fornecer eletricidade à população. Algo esse, como a falta de investimentos do governo, uma vez que a economia baseada no petróleo e sem produção interna de bens, assim como a luta pelos postos no poder, eram elementos relevantes para o cotidiano depauperado.

Assim, a guerra era culpada por tudo, ou melhor, os inimigos do então governo, porque sempre que havia a “hora do noticiário e explicava coisas da guerra, falaram também da falta de luz que também poderia acontecer devidos aos combates perto de Cambambe.” (p.43). A barragem de Cambambe, é um exemplo do processo de desmonte longo e danoso, pois começou a ser construída no período colonial, para produção de eletricidade, principalmente para prover uma indústria de alumínio, entretanto só foi terminada, em 2016.

Mesmo Luanda tendo ao norte e ao sul dois grandes rios, Bengo e Kwanza, também encontramos no texto, passagens que vão de certa forma, com humor, revelar o cotidiano também da falta de água: “a avó regar as plantas verdes de manhã, isso quando a água vinha. Se não viesse, a minha Avó, que é muito engraçada, regava mesmo assim ” (p.39).

Muitos são os exemplos das implicações dos períodos de guerra, principalmente no interior do país, onde houve muita destruição das lavouras e plantação de alimentos de necessidade básica, a sabotagem de estradas impedia também a chegada de alimentos na capital, bem como a produção exígua de produtos alimentícios, uma vez que as estradas sofriam sabotagens impedindo a circulação da produção interna. Ao lado disto, havia uma política de importação com os países do bloco socialista, que provinha Angola com parte de produtos industriais:

o mata-bicho<sup>1</sup> ia aparecendo, devagar, para parecer que tinha muita coisa. A minha Avó com os teatros dela: bocados de pão, depois a manteiga, leite agüado já misturado assim na cozinha para eu não ver, um bocadinho de café que eu sempre pedia.

- Avó, tu não tomas leite?

- Só café.

---

<sup>1</sup> Café da manhã.

Era mentira de poupar as coisas para crianças, pois quando havia mais de um pacote a Avó também matabichava leite. (ONDJAKI, 2012, p.40)

Da mesma maneira, também se notam os aspectos degradantes das ruas de Luanda, com o notável jeito sarcástico com que o “CamaradaMudo a reclamar que em Angola não havia nenhuma lei que proibia adultos de assistirem a funerais de animais, sobretudo um funeral público, com falta de luz e numa lagoa toda suja que era frequentada por dois pirilampos velhos” (p. 27). Porém, por mais lamentável que fosse o espaço, observam-se algumas contradições, a exemplo: “(...), quando a luz vai [embora] na minha rua, as crianças afinal reclamam de não ver novela, mas no fundo, ficamos contentes porque podemos fazer mil coisas fora do ritmo normal das nossas vidas” (p.53). Veja-se que o sentido de comunidade é invocado para amenizar os problemas decorrentes da falta de estrutura básica. Memória do adulto julgando o tempo idílico da infância.

Além das telenovelas brasileiras recorrentes na década de 80 e 90 em Angola, como meio de algumas crianças e adultos usufruírem de distração, também se ressalta uma outra representação da infância: saborosos sorvetes.

[...] o tio Rui nos deu um dinheiro para irmos comprar gelado na esquina.- Não houve luz a noite toda. Não devem ter feito gelados, tio Rui.

- Cala a boca -JorgeTemCalma só queria ficar com o cumbú<sup>2</sup>.

- não faz mal. Vão só. Pode ser que eles tenham ligado o gerador, se não compram outra coisa qualquer. (...) íamos a correr muito devagar, a saltar buracos nos passeios, a desviar dos carros antigos e abandonados, a olhar para o céu onde dançava parado um papagaio de papel que tinha ficado preso na antena de um prédio. (p.70-73 )

Portanto, conjectura-se que para o espaço e tempo no qual a narrativa acontece, esse tipo de guloseima, o aparelho de televisor e o desejo de posse de ganhar uma bicicleta, promovido no concurso pelo governo na Rádio Nacional seriam inacessíveis para a maioria das crianças do País. A bicicleta representa objeto muito cobiçado, pois o país que mal tinha o que oferecer de alimentação, saúde, educação para seu povo, não poderia ter fábricas ou indústrias para produzir bicicletas, ou outros instrumentos lúdicos, que auxiliassem na diversão.

---

<sup>2</sup> Dinheiro.

Em suma, vale ressaltar a tensão – amenizada pelo humor e sentido lírico - que muitas vezes decorre do que há dentro de algumas casas, o espaço interno, como o “gerador”, por exemplo, ou televisão, ou até mesmo a própria geladeira e o espaço externo degradado – da rua e calçada esburacada, carros destruídos ou avariados. Na obra, os espaços da narração são compostos pela perspectiva do contraste entre o discurso, i.e., o que dizem adultos e crianças. Portanto, a representação de infância, encontrada na obra do escritor Ondjaki, ilustra a possibilidade do lúdico em meio ao caos da guerra. Ele traz em suas narrativas alegria, poesia, com personagens infantis que recuperam o simbolismo da esperança, mesmo que saibamos que a perspectiva da escrita decorra de um lugar privilegiado do autor. Entretanto, também apresenta elementos como violência, luto ou dominação que é amenizada pela sutileza dos personagens em que a infância está entrelaçada com o sonho e beleza no espaço duplo em que, ora aparece positivamente como utopia, ora aparece negativamente como distopia.

### **3. Como não poderia deixar de ser, Guiné Bissau também teve conflitos nos pós-independência**

Assim como Angola, Guiné Bissau enfrentou contínuas lutas para erguer a nação, apesar de ter sido o primeiro país, entre os PALOP, a proclamar sua independência política no dia 24 de setembro de 1973. O país passou por sucessivos golpes militares que desestabilizou a política e a economia guineense. Exemplo disso, foram os onze meses de guerra civil em 1998. Nesse levantamento militar, o país enfrentou muitas crises e tensões que de certa forma, atestou a falência de um possível processo democrático. O conflito surpreendeu a população, que se encontrava completamente despreparada e ainda com muitos vestígios de valores egocêntricos e individualistas promovidos outrora pelo colonialismo.

Apesar dos líderes políticos durante as organizações e lutas de independência tenham optado em estabelecer um único partido político (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde - PAIGC) que lutou por um mesmo objetivo, proclamar a independência de ambos os países, a existência desse único movimento, não foi motivo suficiente para deixar de haver conflitos e insatisfação política ocasionando instabilidade política e sofrimento para população.

Vale retomar, portanto, o tipo de relação que Cabo Verde estabeleceu com os países africanos de língua oficial portuguesa. Em Bissau, muitos cabo-verdianos

trabalhavam como administradores e assumiam cargo de poder na Guiné portuguesa como era então chamada pelos portugueses e essa situação ocasionava uma certa desconfiança e insatisfação por parte dos guineenses em relação aos cabo-verdianos. Essa relação é visível, discutida e retratada até hoje nos discursos, principalmente no meio acadêmico. No entanto, o fundador e líder do PAIGC foi assassinado em Conacri no dia 20 de janeiro de 1973, tinha em mente um novo modelo de democracia que conseguisse unir esses povos a favor de sua ideologia política, por uma independência plena onde haveria de prevalecer o bem-estar e segurança do povo.

Diferentemente de Angola que sempre teve mais de dois movimentos políticos em prol de uma emancipação, Guiné Bissau só teve um partido, porém atrelado a dois contextos geográficos, culturais e políticos distintos. E muito antes do assassinato de Amílcar, os dirigentes dos movimentos já enfrentavam divergências no que diz respeito à relação administrativa e o futuro das nações cabo-verdiana e guineense.

Logo depois da misteriosa morte de Amílcar Cabral e a consolidação do PAIGC como partido político, parte dos dirigentes mostram o descontentamento político em relação ao presidente do partido, Luís Cabral que era irmão de Amílcar Cabral, e os rumos que essa liderança tomava, o que ocasionava desconfiança por parte do povo guineense, uma vez que muitos cabo-verdianos ainda mantinham seus cargos administrativos, como na época colonial, assim os dois países acordaram em dividir-se, e em 5 de julho de 1975 Cabo Verde proclama sua independência política. Já a declaração de independência da Guiné Bissau foi em 1973 e embora Cabo-Verde e Guiné-Bissau tenham se constituído como Estados separados, estavam sob orientação do PAIGC e selaram, de vez, a separação com o evento de 1980, em que Luís Cabral é deposto através de um golpe de Estado liderado por João Bernardo Vieira (Nino Vieira), um dos comandantes da luta de libertação.

Embora esses dois países tenham se dividido em prol de uma política e sociedade mais justa e estável, apenas Cabo-Verde apresenta uma estabilidade maior, já que Guiné Bissau ainda tem grande déficit na educação, saúde, na economia e de implementação de mais políticas públicas para com a população. Da mesma maneira que Angola, os guineenses sofreram e ainda sofrem as consequências de instabilidade político-militar. Nas eleições gerais de 1994, o PAIGC obtém a maioria dos votos e Nino é eleito como presidente. Entretanto o mandato dele foi criticado pela falta de compromisso com a população e envolvimento com a corrupção e favorecimentos. Tal insatisfação levou o

país a passar por mais um golpe em 7 de Junho 1998, contexto temporal no qual se passa a narrativa *Comandante Hussi* (2009) do jornalista Jorge Araújo.

Para compreender o conflito é importante salientar que esse acontecimento foi a junção de vários motivos e estopim motivado pelo afastamento do guerrilheiro do PAIGC Ansumane Mané, acusado de tráfico de armas. Já que,

[n]ão obstante o processo de democratização iniciado em 1991, na Guiné-Bissau, que exigiu a despartidarização das Forças Armadas, na verdade, estas continuaram a ser constituídas essencialmente por militares provenientes da luta armada, e, de certo modo, ligados ao partido do poder, o PAIGC. Logo, era necessário que esses militares, antigos combatentes, passassem à reserva. Perante este impasse - o facto de a maior parte dos antigos combatentes recusarem a condição de reserva - surge, na opinião de Leonardo Cardoso (cf. 2000: 132-133), uma rivalidade entre os novos militares, que passaram por várias academias e diferentes escolas militares e a maioria dos oficiais oriundos da luta de libertação nacional. (p.48)

O general brigadeiro Ansumane Mané foi chefe do levantamento militar da Guiné-Bissau que resultou na demissão do Presidente da República João Bernardo Vieira, em 7 de maio de 1999. É nessa época que o jornalista Jorge Araújo vai procurar e divulgar informações dos acontecimentos. Depois de presenciar e descrever as várias realidades e sofrimentos da população por meio jornalístico, encontra na literatura uma outra arma de denúncia e publica no Brasil em 2006, a primeira edição do livro *Comandante Hussi*. De acordo com Avani Souza Silva,

O golpe militar de 1998, em que o presidente Nino Vieira foi derrubado por um golpe militar liderado pelo brigadeiro Ansumane Mane, lançou o país numa guerra civil, provocando um êxodo da capital de mais de 300.000 refugiados para o Senegal e outros países, sem contar os milhares de deslocados internos. O país esteve sob ocupação estrangeira, a pedido do Presidente Nino Vieira. Jorge Araújo esteve no cenário dos acontecimentos na Guiné-Bissau como jornalista. Lá conheceu o menino Hussi, chamado de Comandante Hussi pelos militares do quartel, título que o escritor dá à novela. A personagem, portanto, é inspirada na vida real. Nessa ocasião, o menino-comandante tinha 12 anos e servia aos militares durante a guerra civil como ajudante de serviço. (2015, p.4)

É possível que esses sucessivos golpes sejam fruto de uma política, na qual o governo ainda está atrelado ao poder militar, isto é, uma política em que os antigos combatentes pela independência se denominam sucessores do governo ou juízes que aprovam ou não determinada pessoa para ocupar a presidência, como foi o caso do

Ansoumane Mané, que mesmo alegando que não tinha pretensão de assumir o cargo de presidência depois do levantamento militar, autorizou o novo governo em prol dos seus interesses.

Segundo Ricardino Teixeira (2006, p.9), “os militares continuam a exercer influência sobre o poder civil. Em alguns casos, ou quase sempre, a escolha do governo civil se deu e ainda se dá mediante consentimento das chefias militares”, i.e., atuam na política guineense implodindo a implementação de uma política mais justa e eficaz para toda a população.

#### **4. A representação da infância vista pelo jovem *Comandante Hussi* (2009)**

É nesse contexto histórico de onze meses de guerra civil que o jornalista mostra, através do texto ficcional, a vida de quem precisou se refugiar para o interior de Bissau e daqueles que pegaram nas armas. No contexto da obra *Comandante Hussi* (2009), o golpe é apresentado quando um ex-combatente de guerra, que morava em uma casa afastada da cidade e que tinha feito dela seu próprio exílio, resolveu sair para ver o que estava acontecendo, uma vez que, a população estava tão revoltada com o governo e pedia para ele, como combatente que foi, solucionar as injustiças depois que notou a escassez de alimentos, educação, saúde para com aqueles que esperavam que essas metas não fossem utopias, e foi então que decidiu que “A Guerra do Balão começa hoje”(ARAÚJO, 2009, p.31).

Um ponto que deve ser destacado é que a guerra retratada em o *Comandante Hussi* se passa na capital, Bissau, quando da fuga em massa da população da capital para ao interior em busca de segurança. Esse percurso foi longo e se não fosse a época da safra de manga e cajus em que as mulheres, jovens, crianças recorriam a esses alimentos para saciar a fome, o número de mortos teria sido bem maior. Diferentemente, do contexto da obra do angolano Ondjaki, em que o enredo se passa na capital e a guerra se passa no interior de Angola, o que ocasionou o êxodo para a capital Luanda.

Há uma diferença importante no que diz respeito ao narrador entre as obras analisadas nesse trabalho. Em *Comandante Hussi* o narrador não é se utiliza da máscara da criança como acontece na obra *A bicicleta que tinha bigodes- histórias sem luz elétrica*.

Apesar do enredo ser cotado na perspectiva do narrador, a narrativa se desenvolve em torno do menino Hussi e das dificuldades que a guerra gera.

O protagonista da narrativa em análise é um menino de 12 anos de idade que nasceu na Guiné-Bissau, na margem de um rio que a seca engoliu. Tinha doze anos quando a guerra estilhaçou o seu mundo. Casa, escola, família e amigos. Durante a guerra, driblou tiros e bombas, tropeçou em cadáveres abandonados, alimentou-se de vento e de medo, para o menino “A guerra é como andar de bicicleta, quando se aprende nunca mais se esquece” (ARAÚJO, 2009, p.34). Hussi teve os melhores professores, enfrentou o pior dos inimigos. Mas a imagem da sua bicicleta conservou a leveza da infância, porque “compreendera finalmente o que era uma guerra. Não, não era fim do mundo nem o princípio de outro. É o dia em foi obrigado a deixar para trás a sua bicicleta” (2009, p.42).

A representação da bicicleta aparece como objeto símbolo da infância. Assim, como acontece na obra de Ondjaki, esse objeto está ligado à memória da época de meninice, de criança. Uma fase considerada pela ingenuidade, inocência, pureza, mas para os dois garotos protagonistas essa simplicidade só foi possível permanecer, no contexto de guerra, por que a bicicleta simboliza os anseios da infância.

É importante destacar a capa da obra, *Comandante Hussi* (2009) está escrito em vermelho e o termo Hussi remete, foneticamente, a palavra Rússia. Talvez não seja por acaso, uma vez que Rússia foi uma das principais nações a apoiar os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Rússia e Cuba contribuíram com as organizações de combate distribuindo armamentos e financiando a luta de independência, enfim foram esses países, de modo geral, que custearam e paramentaram a guerra nessas então colônias portuguesas e depois da Independência, até a queda do Muro de Berlim, ao fim dos anos 80. A partir de 1989 é visível a dificuldade de aquisição de bens de consumo por parte dos países africanos de língua portuguesa que foram moldados parcialmente ao modelo socialista soviético.

Uma outra meta como nação independente era que as mudanças iriam acontecer principalmente para o povo, a população teria mais acesso a bens de subsistência, entre outras coisas. No entanto, não foi o que aconteceu, o poder que antes estava na mão dos portugueses e uma pequena elite negra, passou a pertencer novamente apenas para uma pequena parcela da população guineense e as dificuldades burocráticas encontradas pela nova nação para desenvolver a economia não concretizaram a realização dos sonhos,

assim como em Angola. Mais do que qualquer outra comunidade, as nações requerem para sua sobrevivência a construção de uma identidade coletiva. Construir essa identidade requer escrever e reescrever a história e com isso criar heróis nacionais, mitos, símbolos e alegorias.

Dessa forma, mesmo depois da luta de independência, o país ainda buscava essa identidade, uma vez que os sonhos, as possíveis metas não passavam da projeção de uma utopia. Logo notamos como o narrador, na obra *Comandante Hussi* (2009) apresenta o país antes da guerra, decisão essa tomada pelo Comandante Brigadeiro Raio de Sol: “pintavam o quadro sobre o inevitável abismo para onde o comandante Trovão conduzia o país. As crianças que passavam fome, as mulheres que morriam de desgosto, os homens, cansados de não fazer nada” (p.28).

A personagem Brigadeiro Raio de Sol era um ex-militar das lutas de libertação e que por ter presenciado terríveis perdas se isolou na sua casa, com dedicação exclusiva a suas hortas e livros, porém o enredo muda quando ele cansado de ouvir falar do mundo além de suas portas, decidi sair pelas suas ruas.

Mal deixou o porto dos Batuquinhos e entrou na cidade de asfalto, cruzou com uma criança com a barriga em forma de balão. Andou mais uns metros e viu outra, ainda outra. Aos poucos fazia parte de uma procissão de esfomeados. O choque foi tão brutal que caiu fulminante na *berma* da estrada. (...) O brigadeiro já não sabia o que lhe corria nas veias, se sangue ou seiva da revolta. (p.29-30)

Dessa forma, a narrativa literária de Jorge Araújo reflete os descaminhos da emancipação, bem como o estado emocional dos guineenses ao descobrir e considerar a traição dos ideais revolucionários por parte dos dirigentes. Ao passo que o narrador nos apresenta a metamorfose da vida das personagens como o pai de Hussi e o comandante Brigadeiro Raio de sol, também nos mostra a infância de Hussi no jogo de futebol, mas como “numa Guerra não há crianças” (p.35), o protagonista “pela primeira vez na história do *derby*<sup>3</sup> do rio seco um golo foi saudado com uma salva de canhões. Foi o que, ao princípio, Hussi e a maioria dos espectadores pensavam.” (p.35)

É importante trazer em discussão um questionamento sobre a representação da criança, jovem ao aderir a guerra em busca de sua bicicleta, Hussi logo após deixar sua mãe e seus irmãos com os familiares no interior, voltou para a capital em busca do objeto

---

<sup>3</sup> Jogo ou competição esportiva de grande destaque.

de desejo (bicicleta) e de contribuir com o futuro da Nação. “ Quanto mais Hussi pensava no pai e na bicicleta, mais se convencia de que tinha de regressar à cidade. (...) - E vais fazer o quê em Porto dos Batuquinhos? – Vou ter com a minha bicicleta...ajudar o papá!!!” (p.48). Embora seja também possível notar que, nos contextos de conflitos pós-independências, muitos jovens e crianças participaram diretamente nas lutas; em muitos casos, os motivos que levavam os jovens, considerados semianalfabetos e excluídos pelo novo governo ao acesso de qualidade em educação e saúde a pegarem nas armas em conflitos militares foi o desejo de poder participar, e talvez de se tornar parte da nova história do país, buscando principalmente alcançar uma ascensão ao poder com objetivo individual, e não coletivo como outrora, o que também é possível depreender da fala de do menino sobre sua ida ao Porto dos Batuquinhos.

De forma panorâmica, o que se nota é que a narrativa, praticamente, é composta de forma intercalada, ora apresenta a guerra civil, ora apresenta os sonhos e a vida da criança de 12 anos de idade fazendo com que a leitura provoque mais comoção ao leitor, pois, Hussi mesmo vivendo a guerra não deixa o sonho de encontrar sua bicicleta. Ele “ viu cair muita gente, devorada pela fome e pelo desespero. – Por que é que eles estão a dormir? - interrogava Doskas.” (p.44)

### **Considerações finais**

O estudo comparado entre as obras aqui analisadas atesta o que o crítico brasileiro Antonio Candido, em seu *Literatura e Sociedade*, nos ensina sobre a relação tempo e espaço na (re)construção da realidade, ou seja, a forma artística é antecipadora e esclarecedora da experiência histórica das estruturas sociais. Sendo assim, buscou-se nesse artigo verificar, através do discurso literário, a representação de pontos conflitantes socioeconomicamente pela aproximação de contextos entre as literaturas africanas de língua portuguesa. E pela observação das nuances das tensões e contradições da guerra civil nesse contexto de pós-independência, o que muitas vezes também revelou o rescaldo das práticas coloniais.

Ambos os autores utilizam na narrativa uma linguagem criativa, intercalada com o humor e lirismo, ao tecerem a crítica social a momentos históricos específicos em seus respectivos países, entre o fim da década de 80 e de 90 do século XX. Salta aos olhos, as carências e esperanças do cotidiano da população, como na passagem de Jorge Araújo:

“O peso da responsabilidade deve alimentar-se de queijo. De queijo suíço cheio de buracos por onde passam algumas lembranças.” (p.37) ou ainda em Ondjaki: “ O jipe do GeneralDorminhoco saiu, devia ir buscar pão numa loja que sempre tinha pão para os generais.” (p.41)

Ambas as obras, conforme a hipótese inicial apontava, são preenchidas pela voz da criança, com a denúncia das tensões e contradições sociais em meio aos conflitos político-militares. A representação da infância, portanto, deixa ver sociedades que pouco ainda conseguem cumprir a projeção utópica dos tempos da luta de libertação.

### **Referências bibliográficas:**

ARAÚJO, Jorge. **Comandante Hussi**. 2.ed. Ilustrações de Pedro Sousa Pereira. São Paulo: Editora 34, 2009.

AUGEL, Moema Parente. **A nova literatura da Guiné-Bissau**. Bissau: INEP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Literatura e inclusão** – o papel dos escritores guineenses no empenho contra a invisibilidade. Revista Via Atlântica, Universidade de Bielefeld, Alemanha, vol.12, nº47 p.47-66. Dez 2008.

\_\_\_\_\_. **O desafio do escomburo**. Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FARIAS, Helena Maria Martins. **As crianças na narrativa de Ondjaki**. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos) – Faculdade de Letras Departamento de Literaturas Românicas, Universidade de Lisboa, Portugal, 2012.

IWEALA, Uzodinma. **Feras de lugar nenhum**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

LEITE, Joaquim Eduardo Bessa da Costa. **A Literatura guineense: contribuição para a identidade da nação**. Tese de doutorado. Universidade de Coimbra, 2014.

LOPES, Carlos (Org). **Desafios contemporâneos da África: o legado de Amílcar Cabral**. São Paulo: Unesp, 2012.

MACÊDO, Tania. Monandengues, pioneiros e catorzinhas: crianças de Angola. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (Orgs.). **A kinda e a misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nzila, 2007, pp. 357-373.

MURARO, Andrea. C. **Luanda: entre camaradas e mujimbos**. Tese de Doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo – FFLCH, 2012.

- ONDJAKI. **A bicicleta que tinha bigodes**. Editora: Pallas, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Bom dia camaradas**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- \_\_\_\_\_. **AvóDezanove** e o segredo do Soviético. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Uma escuridão bonita**. Ilustração de Antônio Jorge Gonçalves. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. BH: Nandyala, 2013.
- RUI, Manuel. **Estórias de conversa**. Lisboa: Caminho, 2006.
- SEIDL, Surian. **A bicicleta que tinha bigodes**: para uma (re) significação de Angola através da leveza do olhar infantil. Dissertação (Mestrado em Literaturas e Portuguesa e Luso-africanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, Porto Alegre. 2013.
- SILVA, Avani Souza. A Literatura Infantil e Juvenil Cabo-Verdiana e a Lei 10.639/2003 In: **Anais da ABRALIC - XIV Internacional Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias**, Belém, Universidade Federal do Pará, 2015.
- TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas. **Cabo Verde e Guiné-Bissau**: as relações entre sociedade civil e o estado. Recife: Ed. UFPE, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Golpe de estado na Guiné-Bissau**, 1998-2003. Guiné Bissau: Projeto Contributo, 2006 Disponível em <http://www.didinho.org/Arquivo/GOLPEDEESTADONAGUINEBISSAU19982003.pdf> . Acesso em 20/08/2017.
- \_\_\_\_\_. O conceito de sociedade civil; um debate a partir do contexto da Guiné-Bissau. In. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, vol. 15, Nº 2, PPGS-UFPE, Recife, 2009. p. 161-180.
- \_\_\_\_\_. **Guiné-Bissau**: transição política para a democracia. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Roraima, Roraima, 2006.
- VIERA, Carlos Edimilson M. **Contos de N`Nori**. Editora do autor. S/D.
- WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René. **História de Angola**. Tradução de Pedro Gaspar S. Pereira e Paula Almeida. Lisboa: Ed. Tinta da China, 2013.